

O LUGAR DO MORTO / 1984

um filme de António-Pedro Vasconcelos

Realização: António-Pedro Vasconcelos / **Argumento:** António-Pedro Vasconcelos e Carlos Saboga / **Fotografia:** João Rocha / **Montagem:** Manuela Viegas / **Música:** Alain Jommy / **Interpretação:** Ana Zanatti (Ana Mónica), Pedro Oliveira (Álvaro Serpa), Teresa Madruga (Marta), Diogo Vasconcelos (João), Manuela de Freitas (Mafalda), Lídia Franco (Luísa), Isabel Mota, Ruy Furtado, Carlos Coelho, etc.

Produção: António-Pedro Vasconcelos / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, DCP, cor, 124 minutos / **Estreia:** 19 de Outubro de 1984, no cinema Lumière A, Porto.

Durante muitos anos depois da estreia, **O Lugar do Morto** foi o maior êxito comercial do cinema português e não é difícil perceber-se porquê. Num panorama nacional em que se impunha a ideia (em muitos casos falaciosa...) de que o cinema português oscilava precariamente entre o demasiado banal e o excessivamente pretensioso, o filme de Vasconcelos veio trazer uma lufada de ar fresco, colocando com toda a firmeza a tónica num aspecto que muitas vezes tinha sido negligenciado no nosso cinema mais "esclarecido": a "história". Num cenário de bares, hotéis, comboios, redacções de jornais e interiores de automóveis, estava o ambiente preparado para um argumento que reunia as características do "policial" e do *thriller* hitchcockiano. Encontros fortuitos, coincidências inexplicáveis, ambiguidades eróticas, suicídio e morte... todos os ingredientes, enfim, de um filme de sucesso, bem enquadrado na sua matriz "americana", isento das pretensões da dramaturgia brechtiana ou outra que fosse.

E, em parte, é necessário reconhecer que Vasconcelos se aproximou bastante do ideal que queria alcançar. O filme é detentor de um ritmo invulgar no nosso cinema (os piores momentos mortos são os que pretendem problematizar a relação do protagonista com os filhos); o argumento está construído de modo a prender o interesse do espectador do princípio ao fim; as personagens são imediatamente reconhecíveis como fazendo parte de uma "experiência" alargada com que todos nos conseguimos identificar; e o modo discreto como o cineasta revela e ao mesmo tempo oculta os dados fundamentais da trama dramático-narrativa contribui significativamente para o sucesso do conjunto. Outros elementos que valorizam o filme são a fotografia, a música e o excelente aproveitamento dos exteriores. E ainda, claro está (como muitos espectadores e críticos do filme salientaram), a "naturalidade" do desempenho dos actores, mormente no que concerne os casos de Ana Zanatti e Pedro Oliveira, onde se vê as vantagens trazidas pela experiência televisiva, no sentido em que transparece uma quase total "desdramatização" no próprio *estar* à frente de uma câmara de filmar.

No entanto, esta mesma "desdramatização" levanta, a seu modo, alguns problemas. Os encontros e desencontros de um jornalista mulherengo com uma "mulher-mistério" algo depravada parece ser o género de tema que todos nós já vimos tratados em inúmeros

filmes. E ao vermos esses filmes tivemos sempre a sensação de que era justamente a intoxicante artificialidade da tal "mulher-mistério" que lhe conferia a caracterização de enigma. Nos filmes clássicos americanos, tudo isto era coadjuvado pela *persona* cinematográfica da actriz em questão: Doris Day não podia ser mulher-mistério para ninguém, ao contrário, por exemplo, de uma Hedy Lamarr, que foi precisamente "inventada" pela indústria para condizer com esse papel. Ora no caso concreto de Ana Zanatti, não se trata, evidentemente, de pôr em causa uma actriz cuja seriedade do seu profissionalismo já deu provas mais que suficientes; trata-se, antes, de indagar até que ponto a personagem que lhe foi imposta neste filme se adequa à imagem que nós, como espectadores, temos dela. E é neste ponto que as dúvidas surgem, pois Vasconcelos cria um filme que na sua raiz genérica descende dos antigos *star vehicles* americanos sem ter ao seu alcance (por razões que transcendem a sua responsabilidade e, também, a das duas figuras principais) "materializações visíveis" - isto é, corpos e rostos - para preencher as categorias visadas. Zanatti e Oliveira não são, por si, corpos "carregados" de verdadeiro dinamismo cinematográfico; e ao colocá-los num filme em que isso é a condição *sine qua non*, Vasconcelos abre involuntariamente a porta àquilo que teremos de apelar de adesão *condicional* da parte do espectador.

Problemas, portanto, que estavam de certo modo fora do âmbito de intervenção directa de todos quantos colaboraram na feitura de **O Lugar do Morto**. Outras objecções haverá, porém, que se prendem com factores que poderiam ter sido mais aperfeiçoados. A previsibilidade de algumas situações deixa por vezes uma sensação incómoda (como a caracterização implícita do suicida da alta sociedade como homossexual - coisa que ainda passava quando Preminger fez **Advise and Consent**, mas hoje em dia já não é tão clara a correlação entre homoerotismo e neurose suicida), e no respeitante à direcção de actores, estranhámos o facto de uma actriz como Manuela de Freitas ter sido tão mal aproveitada. Há uma certa desarticulação no argumento ao nível das duas grandes linhas que informam a narrativa (Álvaro-mulherinho; Álvaro-pai falhado), ao ponto de se levantar a interrogação de se não teria sido mais eficaz prescindir das figuras dos dois filhos do protagonista. Na relação de Álvaro com as várias personagens femininas do filme já havia pano para mangas; os filhos destabilizam a lógica interna do argumento sem trazer nada de muito relevante para o conjunto.

Mais de dez anos volvidos sobre a estreia de **O Lugar do Morto**, resta-nos verificar que o filão explorado por Vasconcelos neste filme não foi desenvolvido no nosso cinema de forma significativa. Isto é pena, pois há aqui um manancial considerável de elementos positivos que esperam uma continuação criativa e original.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito por ocasião da exibição do filme no ciclo LISBOA NO CINEMA (25 de junho de 1994).